

BIOGRAFIA E EDUCAÇÃO: ASPECTOS HISTÓRICO-TEÓRICO-METODOLÓGICOS

■ ANTÔNIO ROBERTO XAVIER

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

■ JOSÉ GERARDO VASCONCELOS

Universidade Federal do Ceará

■ LISIMÉRE CORDEIRO DO VALE XAVIER

Universidade Federal do Ceará

RESUMO

Este artigo tem como enfoque principal promover o debate sobre as pesquisas de cunho biográfico, em geral, e especificamente educacional. Como é praxe nas pesquisas científicas, este estudo teve como fio condutor as seguintes querelas problematizadoras: as pesquisas biográficas devem ser consideradas e aceitas no mundo acadêmico como científicas? Se forem, que critérios devem ser seguidos? Visando atender a referida demanda, esta escrita de gênero teórico é do tipo descritiva, quanto ao objetivo, e qualitativa, quanto à abordagem. Como procedimento técnico, adota-se a pesquisa bibliográfica em fontes secundárias por meio de revisão de literatura. Como técnica interpretativa das fontes, emprega-se a análise do discurso. Em conclusão, *a priori*, as pesquisas biográficas se apresentaram como possibilidade ímpar para dar visibilidade às ações e atuações de sujeitos sociais anônimos, inclusive de professores(as), em todos os níveis, incluindo os(as) leigos(as), de pouca ou de nenhuma formação no campo intelectual, pois, o que se investigam são suas práticas educativas e a realidade social do contexto delimitado.

Palavras chave: Estudos biográficos. Práticas educativas. Professores(as).

ABSTRACT

BIOGRAPHY AND EDUCATION: HISTORICAL-THEORETICAL-METHODOLOGICAL ASPECTS

This article has as main focus to promote the debate on biographical research in general and specifically educational. As is common practice in scientific research, this study had as its guiding principle the following problematizing quarrels: should biographical research be

considered and accepted in the academic world as scientific? If so, what criteria should be followed? In order to meet this demand, this writing of the theoretical genre is of the descriptive type regarding the objective and qualitative regarding the approach. As a technical procedure, the bibliographic research in secondary sources is adopted through a literature review. As an interpretive technique of the sources, discourse analysis is used. In conclusion, a priori, the biographical research presented itself as a unique possibility to give visibility to the actions and performances of anonymous social subjects, including teachers at all levels, including laypeople, of little or of any formation in the intellectual field, therefore, what are investigated are their educational practices and the social reality of the delimited context.

Keywords: Biographical studies. Educational practices. Teachers.

RESUMEN

BIOGRAFÍA Y EDUCACIÓN: ASPECTOS HISTÓRICO-TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este artículo tiene como enfoque principal promover el debate sobre las investigaciones de cuño biográfico en general y específicamente educativo. Como es práctico en las investigaciones científicas, este estudio tuvo como hilo conductor las siguientes querellas problematizadoras: las investigaciones biográficas deben ser consideradas y aceptadas en el mundo académico como científicas? Si son, qué criterios deben ser seguidos? Con el fin de atender a dicha demanda, esta escritura de género teórico es del tipo descriptivo en cuanto al objetivo y cualitativa en cuanto al abordaje. Como procedimiento técnico se adopta la investigación bibliográfica en fuentes secundarias por medio de revisión de literatura. Como técnica interpretativa de las fuentes se emplea el análisis del discurso. En conclusión, a priori, las investigaciones biográficas se presentaron como posibilidad impar para dar visibilidad a las acciones y actuaciones de sujetos sociales anónimos, incluso de profesores (as) en todos los niveles, incluyendo los (los) laicos, de poca o poca, de ninguna formación en el campo intelectual, pues, lo que se investigan son sus prácticas educativas y la realidad social del contexto delimitado.

Palabras clave: Estudios biográficos. Prácticas educativas. Los maestros(as).

Introdução

Como poderíamos negar, então, que a biografia possui um significado eminente para a compreensão da grande conexão do mundo histórico! Afinal, é justamente a relação entre as profundezas da natureza humana e a conexão universal da vida histórica difundida que é efetiva em cada ponto da história. (DILTHEY, 2010, p. 241)

As pesquisas com a temática da biografia, ao serem evocadas, fazem com que repentinamente adentre em nossas faculdades cognitivas a dedução lógica de que tais estudos tendem a tratar da descrição histórica ou do relato da vida de uma pessoa enfocada em certo contexto, como definem os dicionaristas da atualidade (FERREIRA, 1986; HOUISS, 2005; QUEIROZ, 2003).

O recurso teórico-metodológico das pesquisas biográficas não é um fenômeno novo e tem como significado a perpetuação da memória de protagonistas e dos acontecimentos que os envolveram. No mundo moderno, o uso nominal e significativo da palavra “biografia” aparece após o século XVII, na Inglaterra, Alemanha e França.

Todavia, as origens do vocábulo “biografia” derivam da palavra grega antiga *βιογραφία*, cujo significado composto é “escrita da vida de alguém pertencente à esfera pública ou privada”, como explicou Plutarco em suas *Bioiparálleloi* – Vidas paralelas. Por outro lado, há autores que defendem ser a biografia oriunda das inscrições feitas pelo rei da Pérsia, que teria escrito sua autobiografia numa rocha, a 300 pés, na qual destacou seu próprio heroísmo. Dessa forma, a historiografia persa teria exercido papel determinante sobre os gêneros biográfico e autobiográfico, bem como sobre o uso de fontes documentais para poder compô-los, muito embora, posteriormente, os gregos tenham preferido registrar as glórias coletivas e locais, diferentemente da tradição persa (BURKE, 2009; MOMIGLIANO, 2004).

História do gênero biográfico

A produção do gênero biográfico vem de longe. À guisa de exemplo, podemos citar na Grécia arcaica a *Ilíada* e a *Odisseia*, atribuídas como produção e tradição da poesia oral do poeta grego Homero, do século VIII. Na Grécia clássica do século IV, temos os escritos de gênero biográfico *Memorabilia*, do filósofo grego Sócrates; *Agesilaus*, de Xenofonte; e *Anabasis e Encomium*, de Evágoras. Com efeito, se houve essas produções biográficas, é óbvio que existiram os seus produtores, os biógrafos, a exemplo de:

Tácito, Suetônio e Plutarco. Antes deles, Crítias, Isócrates, Xenofonte, Teofrasto, Aristóxenes, Varrão, Cornélio Nepos. Mais tarde, Eginhard, o abade Suger, Jean de Joinville, Philippe de Comynes, Fernán Pérez de Guzmán, Filippo Villani, Giorgio Vasari, Thomas More. A Antiguidade grega e romana contou com importantes biógrafos, assim como a Idade Média e Renascença. Mas ainda não se chamavam assim. (LORIGA, 2011, p. 17)

Essas produções biográficas descrevem as vidas e as ações heroicas de seus personagens, bem como o desenrolar ou as consequências posteriores desses feitos. Seguindo o modelo da cultura grega, na Roma antiga, temos como exemplo a obra *Da guerra das Gálias*, de Júlio César, na qual são retratados os feitos heroicos não de um personagem, mas de vários, além dos acontecimentos no desenrolar das batalhas (BINDÁ; FROTA, 2013).

Seguindo o raciocínio dos autores supracitados, é permitido dizer que, no período medieval, as escritas biográficas eram cunhadas no estilo bio-hagiográfico, qual se descrevem as vidas e as virtudes de pessoas consideradas, além de heróis ou heroínas, santas ou mártires a serem seguidos. Como exemplos, podem ser destacados: Diálogos de São Gregório Magno, Legenda Áurea de Tiago de Varazze, São Francisco de Assis, Santa Clara de Assis,

Santo Antônio de Lisboa, Santo Antônio de Pádua e tantos outros(as). Todavia, o termo “biografia” não era conhecido nem na Idade Antiga nem na Medieval. Somente na Idade Moderna, a partir do século XVII, é que as produções envolvendo esse gênero passaram a ser designadas de “biografia”.

O termo ‘biografia’ só aparece ao longo do século XVII, para designar uma obra verídica, fundada numa descrição realista, por oposição a outras formas antigas de escritura de si que idealizavam o personagem e as circunstâncias de sua vida (tais como o panegírico, o elogio, a oração fúnebre e a hagiografia) [...]. Os primeiros verdadeiros biógrafos foram os ingleses: Izaak Walton, autor de uma vida do poeta John Donne, em 1640, e o eclético John Aubrey, que, entre 1670 e 1690, escreveu uma série de notícias biográficas sobre diversas personalidades de Oxford (o texto só seria publicado no século XIX), seguidos por Samuel Johnson com suas *Lives of the Poets* (1779-1781) e por James Boswell, autor de uma *Life of Samuel Johnson* (1791). (LORIGA, 2011, p. 17-18)

No contexto moderno, as escritas do gênero biográfico são caracterizadas, além das bio-hagiografias e vidas de reis e rainhas, pelos aspectos literário e histórico, dentre as quais podem ser destacadas: Diário Espiritual de Santo Inácio de Loyola, Ensaios de Michael de Montaigne, Pensamento de Blaise Pascal, Confissões de Rousseau etc. “Ao longo do século XVIII, a reflexão biográfica se desenvolveu sobre dois eixos essenciais: além da vida dos santos e dos reis, interessou-se cada vez mais pela de poetas, soldados ou criminosos; e adota um tom mais intimista” (LORIGA, 2011, p. 19).

No século XIX, as pesquisas biográficas são de certa forma rejeitadas, acusadas de serem produzidas em oposição ao legado da cultura greco-romana e de não conterem teor interessante para a História universal. Entretanto, a partir do império cientificista evocado pela História, sobretudo da segunda metade do século XIX, o gênero biográfico teve como es-

pinha dorsal a produção de obras descritivas dos grandes vultos da política, principalmente nos países em que a História positivista teve seu espaço de fertilidade e florescência intelectual, como foi o caso do Brasil.

Porém, no final do século XIX para o século XX, com a disseminação das ideias marxistas e o conseqüente alastramento da História social, as pesquisas biográficas entraram em declínio. Essa situação se estenderia até a primeira parte da segunda metade do século XX, quando, na França, sob a tutela de uma nova fase de pensadores da Nova História, com o tema de história política, o gênero biográfico foi retomado, e desde então tem se intensificado como linha e gênero de pesquisa por toda parte, inclusive na História da Educação (ROJAS, 2000).

Somente com o advento da Micro-História, ao “[...] permitir interpretações de realidades fragmentadas, contradições e pontos de vista plurais [...]” (BINDÁ; FROTA, 2013, p. 213), a partir sobretudo da década de 1980, as pesquisas biográficas retomaram seu campo de produção, com significativa visibilidade e uma amplitude de personagens das diversas camadas sociais.

É fato que, ao longo da História, a modalidade de escrita biográfica, através de narrativas, tem sido efetivada em diferentes contextos, sendo de interesse tanto de pessoas próximas ao biografado como de pesquisadores e leitores em geral. Da Antiguidade aos tempos atuais, o gênero biográfico vem sendo produzido abordando a descrição dos feitos e fatos envolvendo diferentes personagens, por intermédio de temas contemporâneos, mediante o uso dos mais diversos tipos de fontes, incluindo as fontes tecnológicas informacionais.

A partir da virada das décadas de 1970-1980, apresentou-se um novo quadro na pesquisa histórica: temas contemporâneos foram incorporados à história (não mais reservada apenas

ao estudo de períodos mais remotos); valorizou-se a análise qualitativa; experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado (às vezes mais significativas do que as grandes estruturas como os modos de produção); houve um impulso da história cultural e um renascimento da história política (esta última não mais a história dos 'grandes feitos' dos 'grandes homens', mas o locus privilegiado de articulação do social, a ação dos atores e de suas estratégias) e revalorizou-se o papel do sujeito na história – portanto, da biografia [...]. O relato pessoal (e a entrevista de história oral é basicamente um relato pessoal) transmite uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em dada sociedade. Esse novo quadro na pesquisa histórica resultou em mudanças importantes nos conteúdos dos arquivos e na concepção do que é uma fonte, e coincidiu com as transformações das sociedades modernas. Por exemplo: as decisões que antes eram tomadas no curso de uma troca de correspondência, hoje em dia são tomadas por telefone, fax ou *e-mail*, muitas vezes sem deixar rastros em arquivos. Uma entrevista de história oral pode reconstituir processos decisórios e revelar informações que de outra forma se perderiam. Outros registros sonoros (músicas, *jingles*, gravações radiofônicas), ou ainda fotografias, caricaturas, desenhos, filmes, monumentos, obras de arte e de arquitetura, são passíveis, hoje em dia, de se tornar fontes para o estudo do passado, tendo havido, portanto, uma revisão do fetichismo da fonte escrita. (ALBERTI, 2000, s.p.)

É racional lembrar que a forma ou maneira de condução dessas pesquisas carecem de discussão, especialmente no âmbito teórico-epistemológico concernente à História e seus prismas de atuação, como é o caso das pesquisas históricas da educação, em espaços e temporalidades delimitados, no tocante às práticas de formação e à atuação ao contexto escolar.

Pesquisas biográficas e educação

O interesse por este tipo de pesquisa tem se configurado bastante potente, nos últimos

anos, e tem sido visto no mundo acadêmico historiográfico como um campo inovador e revelador de um vasto arcabouço de novidades, na seara da História da Educação e das ações efetivas de seus protagonistas.

O despertar dos historiadores da Educação para a necessidade de inovação nas pesquisas, adotando novos problemas, novos objetos e fontes variadas, possibilita a realização e a compreensão de estudos mais localizados, uma vez que aproxima a Educação de outras áreas do conhecimento, dentre elas, a História [...]. O surgimento de enfoques e perspectivas de análise permite, também, um [...] aprofundamento do fenômeno ocorrido em um determinado tempo e lugar. Nesse sentido, no âmbito da educação e das relações interpessoais, há uma riqueza de informações, muitas vezes inexploradas, mas que poderão ajudar na compreensão da própria história, em especial da educação. Em alguns casos, a reconstituição da história se faz necessário à conjugação da memória. (ALMEIDA, 2005, p. 297)

Os novos e velhos problemas, a multiplicidade de objetos, a variabilidade de fontes, novos métodos e diferentes abordagens propostos pela chamada Nova História permitem e possibilitam pesquisas históricas centradas em temáticas relacionadas à educação, vinculadas aos seus sujeitos fazedores, principalmente com a abordagem da Micro-História, que é utilizada como recurso na produção de pesquisas contextualizadas, delimitando, para tanto, os espaços e temporalidades de vivência e atuação, por meio de pesquisas biográficas de educadores(as). Com efeito, “[...] O uso da biografia e dos métodos biográficos no estudo da história faz muito sucesso hoje em dia – haja vista o *boom* editorial das biografias, não só no Brasil como em todo o mundo [...]” (ALBERTI, 2000, s.p.).

Entretanto, a produção de pesquisas no gênero biográfico histórico não é uma tarefa fácil, pois requer do pesquisador a compreensão necessária e indispensável da histori-

dade do(a) biografado(a), nos diversos e diferentes prismas do contexto e da temática com os quais o(s) protagonista(s) biografado(s) está(ão) relacionado(s), direta ou indiretamente. Outra vertente envolvida é o perigoso engano de alguém crer que as pesquisas biográficas são estanques em si mesmas ou que podem e devem ser conduzidas de forma organizada, descrevendo linear e cronologicamente a vida e os acontecimentos que envolveram o(a) biografado(a). Essa pode ser uma ilusão, visto que a biografia científica procura, através da hermenêutica historiográfica, compreender a realidade social da qual fez ou faz parte o(a) biografado(a). Neste sentido, é imperioso ressaltar a produção de referenciais epistemológico-teórico-metodológicos dos Congressos Internacionais de Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA), especificamente o I e o V CIPA, nos e pelos quais é estabelecido um diálogo entre esses referenciais, visando fundamentar e consolidar as pesquisas no âmbito das biografias, autobiografias e histórias de vidas (BRAGANÇA; ABRAHÃO, 2016).

O ressurgimento das pesquisas acadêmicas, envolvendo o gênero biográfico no âmbito da História e da História da Educação, é recente, porém está ocorrendo com bastante intensidade, inclusive com linhas de pesquisa destinadas a produções de estudos biográficos em diversos Programas de Graduação e Pós-Graduação em Educação de diferentes Instituições de Ensino Superior (IES): “[...] a partir do arcabouço teórico sobre biografia e autobiografia, como constituidoras dos processos de identidade e identificação [...], especialmente no que se refere ao registro da memória dos protagonistas da história” (GOMES, 2013, p. 15).

As pesquisas envolvendo o gênero biográfico e a educação demonstram estar em pleno desenvolvimento, a ponto de uma das criadoras do Centro Reflexivo Biográfico (CRB)¹, a pro-

fessora-pesquisadora Ercília Olinda (2012, p. 410), da linha de pesquisa Movimentos Sociais da UFC, afirmar que “[...] Tornamo-nos artesãos de nós mesmos e respondemos a um ‘imperativo biográfico’ próprio do nosso tempo [...]”.

O retorno aos estudos biográficos e às histórias de vida, após longo combate dessa modalidade de produção histórica de cunho positivista, ganhou visibilidade a partir dos crescentes interesses por indivíduos, suas trajetórias e subjetividades, de forma mais acentuada após a crise dos paradigmas do marxismo/estruturalismo. Na história, em particular, começam a se valorizar os estudos das dimensões existentes entre sujeitos sociais e estruturas, dando sentido ao tempo vivido nas relações mais capilares e individuais, no seio da vida cotidiana. (MACHADO; VASCONCELOS JÚNIOR; VASCONCELOS, 2011, p. 256)

Com efeito, as pesquisas biográficas ou mesmo as autobiográficas proporcionam, à História em geral e à História da Educação em particular, a proximidade com suas realidades cotidianas. A formação e os exemplos educacionais também são viabilizados através das pesquisas biográficas.

Graças ao advento da Micro-História e de seu reconhecimento teórico-epistemológico, as pesquisas biográficas em História, especificamente relacionadas à História da Educação brasileira, em caráter nacional, regional e local, têm a possibilidade de conhecer e reconhecer seus educadores(as), suas ações e práticas educativas, em diferentes contextos históricos.

res de Ensino Religioso da Rede da Educação Pública de Fortaleza. O CRB foi liderado pela professora Ercília Maria Braga Olinda, do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), na linha de pesquisa Movimento Social, auxiliada por sua então orientanda de mestrado, Elaine Freitas de Sousa, quando foi desenvolvida uma espécie de trabalho empírico entre os meses de maio de 2009 a junho de 2011. O trabalho executado pelos membros do CRB consistiu na realização da biografização, proporcionando reflexões acerca das aprendizagens, a partir das experiências de pesquisa do grupo.

¹ O CRB foi composto, inicialmente, por oito profes-

Biografia e Autobiografia constituem um campo específico da ciência da História, que obedece a procedimentos metodológicos similares aos que são usados na pesquisa histórica em geral. É um recurso investigativo que também pode ser usado na área educacional, com a finalidade principal de estimular pais e filhos, avós e netos, professores e alunos a pensarem o tempo como um processo em cuja dinâmica se intercalam passado, presente e futuro. Isso significa também reconhecer, do ponto de vista social, que as histórias individuais se entrecruzam com as histórias de outros indivíduos e gerações que nos antecederam, indo da memória individual à memória coletiva [...]. É necessário ressaltar que todos os indivíduos têm história, não sendo a autobiografia ou a biografia um privilégio de homens ou mulheres famosos e importantes, como os que integram a elite política ou econômica e o mundo das ditas celebridades. Assim, qualquer indivíduo, por mais simples e comum que pareça ser, carrega em si uma história pessoal, familiar e social que vale a pena relatar e que tem um grande valor sociológico. (CAVALCANTE, 2008, p. 26)

Desse modo, complementando o pensamento em epígrafe, as pesquisas biográficas, autobiográficas e de histórias de vida agregam mais campos científicos ao âmbito das ciências sociais em geral. A produção de pesquisas com o recurso da Micro-História conseguiu visualizar e trazer para o campo mais fecundo do debate as pesquisas biográficas na História da Educação, como também a autobiografia e as histórias de vida. De acordo com Chizzotti (2006, p. 102), biografia “[...] é a narrativa de vida de uma pessoa, feita por outrem, que, com base em documentos, hipóteses e orientações teóricas, reconstrói a vida do biografado [...]”.

Em síntese oportuna, a biografia está relacionada com a história de vida de uma pessoa e seu imbricamento a uma temática por ela vivenciada. No tocante à autobiografia, esta se refere aos registros informativos da história de vida de uma pessoa feita por ela própria ou por outra pessoa que narra fielmente as expe-

riências acontecidas e vividas com outrem. Já “[...] a história de vida de um sujeito se refere à globalidade da vida [...]” (MAGALHÃES JÚNIOR; FERREIRA, 2013, p. 29). Com efeito, a abordagem micro-histórica em pesquisas biográficas possibilita, não raramente, a compreensão de estudos numa seara localizada, perpassando por uma grande dimensão.

A utilização da Micro-História nas pesquisas biográficas como abordagem e seu entrelaçamento a um dos campos de estudo da biografia pode ser vislumbrado na análise de Barros (2004), ao citar o estudo biográfico do italiano Ginzburg (1987). Nesse estudo:

Poderíamos dizer que Ginzburg está preocupado com o mesmo problema da circularidade cultural, embora o inverta no que se refere ao sujeito ou pólo [sic] escolhidos como campo de observação. O seu ‘fragmento’ é Menocchio, um moleiro herético do século XVI que filtrou diversas obras e proposições pertencentes ao campo da ‘cultura oficial’ para construir uma cosmovisão original que era de algum modo isto: a ‘cultura oficial’ filtrada através de uma experiência perceptiva mergulhada na ‘cultura popular’. O seu ‘fragmento’ – a trajetória de um moleiro herético perseguido pela Inquisição na Itália do século XVI – permitiu-lhe acessar essa questão que afeta toda a sociedade. (BARROS, 2004, p. 17)

Para resolver a possível dicotomia entre as categorias “cultura oficial” e “cultura popular” existente no pensamento moderno europeu, Ginzburg (1987) toma como objeto de estudo o moleiro herético Menocchio, perseguido pela Inquisição da Igreja católica na Itália, e passa a biografá-lo, para, ao final, encontrar a possível resolução explicativa da referida dicotomia.

A retomada dessas temáticas tem seu marco inicial com a crise do estruturalismo histórico, sobremaneira a partir das últimas quatro ou cinco décadas do século XX, que, desvencilhando-se de um discurso histórico mecanizado e alimentado por uma “[...] his-

tória quantitativa e serial [...]” (VASCONCELOS JÚNIOR, 2006, p. 25), cede espaço aos estudos biográficos com a utilização de novos objetos de investigação, novas metodologias, fontes e abordagens de pesquisa para a produção historiográfica, visando as pessoas – os indivíduos e suas subjetividades.

Esse ressurgimento do indivíduo se dá após uma longa hegemonia de paradigmas funcionalistas, marxistas e estruturalistas predominantes até a década de 1970; de um primado racionalista da objetividade, que menosprezava as subjetividades e intersubjetividades. Mas o próprio desenvolvimento das ciências, da sociedade, do homem, assinalando outras demandas, novas razões para conflitos, velhos embates acentuados por problemáticas novas, outros grupos sociais na arena social, tudo isso tornou inevitável um questionamento do que estava posto como definitivo, como suficiente para dizer o mundo do homem, esse sujeito por muito tempo submisso a uma racionalidade que pretendia a tudo responder e que naquele momento desponta para a busca de sua identidade pessoal e coletiva. (NUNES, 2014, p. 12)

O retorno às pesquisas biográficas, pelo menos no atual momento, encontra terreno espaçoso e fértil, como também não menos em matéria de importância no meio acadêmico. É valioso ressaltar que não existe apenas um tipo de estudo biográfico. O historiador Giovanni Levi (2005), ao falar sobre biografia, menciona pelo menos quatro tipos de biografia: a modal (também chamada de prosopografia), a biografia de contexto, a biografia de casos extremos e a biografia hermenêutica.

O primeiro exemplo de biografia mencionado, a modal, é um tipo de biografia ilustrativa de aparências, comportamentos e/ou *status* de um indivíduo, “[...] atrelados às condições sociais mais frequentes [...]”. Com relação à biografia de contexto, “[...] predomina uma valorização de alguns elementos, como época, meio e ambiência, fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explica as singularidades

das trajetórias [...]”. (MAGALHÃES JÚNIOR; FERREIRA, 2013, p. 27).

No que tange à biografia de casos extremos, faz-se necessário sua utilização quando o contexto da pessoa biografada não vem à tona, de forma clarividente, sobretudo quando é preciso esclarecimento do contexto social do qual o(a) biografado(a) esteve significativamente inserido(a). Desse modo, “[...] a biografia e os casos extremos evidenciam a possibilidade de utilização da biografia em busca de esclarecimento de um determinado contexto [...]” (MAGALHÃES JÚNIOR; FERREIRA, 2013, p. 28). No que diz respeito à biografia hermenêutica, ainda nas palavras de Magalhães Júnior e Ferreira (2013, p. 28), esta “[...] recai sobre o ato interpretativo do material biográfico e o ato dialógico que está no cerne do processo cognitivo”.

Hoje, a biografia é um modelo de escrita da história nitidamente definida. Há uma metodologia explicitada, na qual a biografia não se destina mais ao julgamento feito por seus autores, mas sim a uma construção relevante sobre hipóteses cujos pressupostos serão confirmados ou não. Seu objetivo fundamental é levar à compreensão da época que, como a montagem de um quebra-cabeça, pouco a pouco vai revelando o que é permanente, indicando as diferenças, permitindo perceber a realidade dos problemas sociais através do concreto de uma vida. (BINDÁ; FROTA, 2010, p. 57-58)

Os estudos biográficos, os autobiográficos e as histórias de vida vêm a cada dia mais ganhando espaços nas pesquisas científicas. Destarte, esse tipo de estudo proporciona a apresentação, no presente, de protagonistas que fizeram história no passado; é oportuno mencionar que as diretrizes dominantes e oficiosas não têm colocado esses sujeitos nos lugares merecidos. Cada sujeito – cada educador – tem sua história dentro de uma teia de relações sociais amplamente diversificadas, influenciadas e influenciando valores e juízos de cada época. Nesse sentido, os “ditos” ou

“(mau)ditos”² anônimos e invisíveis passam a ser sujeitos da História, com as devidas identificação e visibilidade possibilitadas pelas novas propostas teórico-metodológicas, no âmbito das pesquisas educacionais.

Assim, ao adotar e reabilitar a perspectiva biográfica propõe-se um imbricamento da sociedade e do indivíduo, ou seja, recuperando o indivíduo como sujeito da história e da experiência na configuração das relações sociais, contrapondo-se a uma narrativa histórica tradicional da educação, para quem as ações humanas nada mais eram do que subprodutos das forças produtivas e culturais, por conseguinte, negava a possibilidade de interpretar a dimensão dos conhecimentos, das crenças e das atitudes que se expressam em representações e práticas culturais, quer individual quer coletivamente. (MACHADO, 2010, p. 24)

Compreende-se que as pesquisas nesse campo vêm em boa hora proporcionar visibilidade a personagens da História da Educação que foram esquecidos no tempo e nos espaços. Para tanto, não se quer dizer ou deixar fendas para que produzamos escritas ficcionais quando produzimos pesquisas biográficas, autobiográficas ou histórias de vida. No estudo e manuseio das fontes escritas, imagéticas, orais etc., o pesquisador faz suas escolhas e elege seus caminhos, sendo possível, no confronto dessas fontes, extrair o que é peculiar à pesquisa biográfica de caráter histórico, na busca das realidades propostas pela pesquisa. Isso não significa dizer que seja possível captar as informações dos acontecimentos que envolveram/envolvem a pessoa biografada.

Estaria, dessa forma, o pesquisador à procura de heróis ou heroínas? Em princípio, essas pesquisas visam tão somente revisitar um passado ido e, muitas vezes, esquecido de pessoas que contribuíram, de uma forma ou

de outra, para o desenvolvimento da sociedade e da educação em seu respectivo contexto. Com relação à busca de heróis ou heroínas, nas pesquisas biográficas, autobiográficas ou histórias de vida, vale a pena ressaltar que:

Vivemos numa época de história não heroica ou anti-heroica, em mais de um sentido. Muitos historiadores profissionais deslocaram seus interesses do que chamam de alta política para a história da sociedade ou da cultura popular, enfatizando movimentos coletivos, mais do que indivíduos, e evitando o que vieram a chamar o modo triunfalista de escrever sobre o passado. A biografia de um indivíduo ainda é um tema popular para livros e filmes, mas muitas dessas biografias são anti-heroicas no sentido de que desmitificam em vez de glorificar, enfatizando fraquezas tanto ou mais do que poderes. (BURKE, 2009, p. 33-34)

Desse modo, “[...] a maioria de nós ainda precisa de heróis, pelo menos por algum tempo. Poderíamos dizer que são psicologicamente necessários [...]. Heróis ou heroínas [...] agem como modelos ou símbolos de nossas identidades ou dos valores de nossa cultura [...]” (BURKE, 2009, p. 34).

Quanto aos estudos biográficos nas pesquisas históricas, é valioso lembrar que tal abordagem não é aplicável a uma biografia por si só ou a uma história de vida e suas individualidades, mas o seu entrelaçamento ao todo, de modo a ensejar uma compreensão geral e sua relação com o contexto social, econômico, político e cultural. Sob esse prisma, a perspectiva das pesquisas com o recurso da Micro-História, a partir da biografia de um sujeito social, tem como foco enxergar partes do macro a partir do micro. Assim, o ponto de partida, por mais minúsculo que seja, proporciona uma compreensão bem elástica de pesquisas no campo da História e seu processo interdependente das demais áreas constituidoras do todo social.

Especialmente quando recorreremos ao recurso da História Oral, as narrativas coletadas

2 Expressão utilizada como título do primeiro livro da Série Diálogos Intempestivos, organizado por Vasconcelos, Magalhães Júnior e Fonteles (2001).

são capazes de nos remeter a distintas linhas de pensamento e a um imenso território de fontes de pesquisa. Essa variedade de possibilidades interpretativas é peculiar à subjetividade humana e às experiências vividas, sentidas e preservadas na memória, as quais podem vir à tona, sobretudo quando se utiliza o campo da Micro-História em pesquisas com a educação informal.

Quando a abordagem se faça no campo da educação informal, abre-se um largo espaço ao estudo da micro-história às contribuições dos anônimos, oportunidade em que se trazem à colação da pesquisa a memória dos sujeitos participantes daquilo que se investiga, seja no âmbito de instituições como a família, seja nos espaços das relações informais. (MARTINHO RODRIGUES, 2009, p. 437)

O descortino dessas fontes é capaz de nos levar a inúmeras descobertas e revelações de realidades obscuras ou antes até impensadas. Os novos caminhos metodológicos, os novos objetos e problemas mirados pela “História Nova ou Nova História”³, com a renovação da escrita da História pela terceira geração dos *Annales*⁴, ampliaram também novas visibilida-

des ao fazer historiográfico com novas e ampliadas possibilidades de uso da Micro-História e do recurso metodológico das fontes orais, sobretudo no campo da educação informal (SOUZA, 2007).

Nesse sentido, através do uso da abordagem micro-histórica, podemos fazer ressurgir reluzentemente os “anônimos” e “invisíveis”, contribuindo para a ampliação da compreensão de seus respectivos campos de atuação, como é o caso dos educadores leigos, que, na sua grande maioria, são esquecidos pela História Oficial, porém a História Oral, deleitando-se na fonte da memória, por meio das narrativas, pode e deve muito bem trazer à baila suas ações nos mais diversos espaços e nas mais variadas circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis às práticas educativas.

Conclusão

As pesquisas biográficas diferem historiograficamente, em muitos pontos, das demais pesquisas do gênero, como é o caso dos trabalhos biográficos feitos por jornalistas, romancistas e até certo ponto amantes da literatura. Nas pesquisas biográficas de cunho histórico, as análises e interpretações das fontes e personagens são realizadas dentro de uma visão crítica em relação a suas produções, o que não impede sua variedade, diversidade e grande quantidade. Os protagonistas envolvidos são reais e estão necessariamente destinados a representar uma realidade social inserida em um dado contexto vinculado a realidades anteriores e posteriores. Esse relacionamento é próprio das pesquisas históricas, dado que não há na condução temporal histórica uma partitura desconexa, marcando um limite ou uma escala zero dos feitos e fatos anteriores e posteriores.

de investigações sobre uma série de temas então considerados inovadores e pioneiros: as gestões, o casamento, a família, a sexualidade, a mulher, a infância, a morte, a doença, a cultura popular, os imaginários, etc.” (RUST, 2008, p. 47-48).

3 “O termo ‘História Nova’ ou ‘Nova História’ foi lançado em 1978 por alguns membros do chamado grupo dos *Annales*, conforme Guy Bourdê e Hervé Martin. Enquanto proposta teórica, nasceu, de acordo com Peter Burke, juntamente com a fundação da revista *Annales*, criada para ‘promover uma nova espécie de História’ (BURKE, 1997, p. 11), por isso os historiadores ligados à Nova História são vistos como herdeiros da Escola dos *Annales*” (MATOS, 2010, p. 114).

4 “Poucas gerações de historiadores podem se vangloriar por terem sido tão influentes como aquela que sucedeu Fernand Braudel, em 1968, no comando do periódico *Annales: Economies, Sociétés, Civilisations*, a denominada ‘Terceira Geração dos *Annales*’. Contando com um respeitável suporte institucional edificado desde os tempos dos ‘combates’ de Marc Bloch e Lucien Febvre e produzindo obras cujas tiragens alcançavam cifras de centenas de milhares de exemplares, nomes como Jacques Le Goff, Jean Delumeau e François Furet passaram a ser citados em trabalhos historiográficos em todo o globo, do Japão aos Estados Unidos, do Brasil à Polônia. Autoproclamados uma vanguarda de renovação da escrita da história, esses autores elegantes e articulados penetraram nos mass media solicitando a seus correligionários de ofício a assimilação, como parte rotineira de suas dedicações,

As pesquisas biográficas apresentam-se como possibilidade ímpar para dar visibilidade às ações de sujeitos sociais anônimos, inclusive de professores(as) em todos os níveis, incluindo os(as) leigos(as), de pouca ou de nenhuma formação no campo intelectual, pois o que se investigam são suas práticas educativas e a realidade social do contexto delimitado.

Com efeito, as pesquisas biográficas trazem à tona ações e atuações específicas desses sujeitos, sobretudo em locais não contemplados pelas ações do poder público vinculadas às políticas públicas educacionais. Em vários espaços dessa natureza, pode-se encontrar uma vasta quantidade de práticas educacionais desses(as) trabalhadores(as), que, mesmo desamparados(as) e desassistidos(as) pelo Estado, desempenharam e desempenham suas funções superando adversidades de toda estirpe.

Desse modo, a utilização das pesquisas biográficas educacionais sobre esses(as) profissionais possibilita não somente a visibilidade de suas identidades, mas esclarece e conscientiza a todos(as) que tomam conhecimento dessas pesquisas quanto à função social e à política desses sujeitos, até então “anônimos(as)”, trabalhadores(as) e promotores(as) de um bem social indispensável: a educação.

Assim, as pesquisas de cunho biográfico, autobiográfico e/ou de histórias de vida, no âmbito histórico em geral ou relacionado com uma temática específica, como a educação, pontua, através de fontes diversas, os principais acontecimentos que influenciaram anterior e posteriormente, sem estarem ativamente ligados a um processo cronológico rígido e inseparável.

Referências

ALBERTI, Verena. O documento em história da psicologia: o oral e o textual. In: ENCONTRO CLIO-PSYCHÉ:

HISTORIOGRAFIA, PSICOLOGIA E SUBJETIVIDADES – PARADIGMAS, 3., 2000, Rio de Janeiro. **Mesa-redonda...** Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. s.p.

ALMEIDA, Inaura Maria Ferreira de. A educação escolar: a busca do sistema educacional da cidade de Floriano. In: CAVALCANTE, Maria Juraci et al. **História da Educação: instituições, protagonistas e práticas.** Fortaleza: LCR, 2005. p. 297-312.

BARROS, José D'Assunção. Notas sobre a Micro-História. **Revista do Mestrado de História**, Vassouras, v. 6, p. 9-44, 2004.

BINDÁ, Thiza Maria Bezerra; FROTA, Alexandre Gonçalves. Bio-hagiografia: uma possibilidade teórico-metodológica para narrar o itinerário histórico-espiritual do servo de Deus Frei João Pedro de Sexto. In: VASCONCELOS, José Gerardo et al. (Orgs.). **Pesquisas bibliográficas na educação.** Fortaleza: UFC, 2013. p. 205-223.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Abordagens teórico-metodológicas da formação de professores em dois tempos: olhares sobre o CIPA I (2004) e o CIPA V (2012). **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 31-45, jan./abr. 2016.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia.** São Paulo: Unesp, 2009.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. Identidade narrativa e autobiografia: elementos teóricos e metodológicos para uma pedagogia da escrita histórica. In: BEZERRA, José Arimatea Barros; ROCHA, Ariza Maria. (Org.). **História da Educação: arquivos, documentos, historiografia, narrativas orais e outros rastros.** Fortaleza: UFC, 2008. p. 13-29.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DILTHEY, Wilhelm. A formação do mundo histórico nas ciências do espírito. In: _____. **Filosofia e Educação: textos selecionados.** Organização e introdução de Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral. São Paulo: Edusp, 2010. p. 139-236.

- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GOMES, Luciana Kellen de Souza. Trajetórias e biografias: notas para o campo da História da Educação. In: VASCONCELOS, José Gerardo et al. (Orgs.). **Pesquisas bibliográficas na Educação**. Fortaleza: UFC, 2013. Prefácio. p. 15-21.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa (em português)**. Lisboa: Temas & Debates, 2005. v. IX.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.
- LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção História e Historiografia, 6).
- MACHADO, Charliton José dos Santos. **Zila Mamede: trajetórias literárias e educativas**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2010.
- MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; VASCONCELOS, José Gerardo. **O barão e o prisioneiro: biografia e história de vida em debate**. Fortaleza: UFC, 2011.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano; FERREIRA, Maria Nahir Batista. A utilização de bibliografias na formação de professores. In: VASCONCELOS, José Gerardo et al. (Orgs.). **Pesquisas bibliográficas na educação**. Fortaleza: UFC, 2013. p. 23-41.
- MARTINHO RODRIGUES, Rui. História, fontes e caminhos da educação e da cultura. In: CAVALCANTE, Maria Juraci et al. (Orgs.). **Escolas e culturas: políticas, tempos e territórios de ações educacionais**. Fortaleza: UFC, 2009. p. 422-441.
- MATOS, Júlia Silveira. Tendências e debates: da Escola dos *Annales* à História Nova. **Historiae: Revista de História da Universidade Federal do Rio Grande**, Rio Grande, v. 1, p. 113-130, 2010.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Bauru: USC, 2004.
- NUNES, Maria Lúcia da Silva. Prefácio. In: FIALHO, Lia Machado Fiuza et al. (Orgs.). **Ensaio em memórias e oralidades**. Fortaleza: UFC, 2014. p. 11-14.
- OLINDA, Ercília Maria Braga de. Narrativas de vida como fonte para a transformação da prática pedagógica e como forma de acesso aos significados da experiência religiosa. In: VASCONCELOS, José Gerardo et al. (Orgs.). **História da educação: real e virtual em debate**. Fortaleza: UFC, 2012. p. 407-428.
- QUEIROZ, Tânia Dias. (Org.). **Dicionário prático de pedagogia**. São Paulo: Rideel, 2003.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografía como género historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHIMIDT, Benito. (Org.). **O biógrafo: perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2000. p. 9-48.
- RUST, Leandro Duarte. A “Terceira geração dos *Annales*” e o exorcismo do tempo. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 22, n. 1, p. 47-60, 2008.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Orgs.). **Memória e formação de professores**. Salvador: Edufba, 2007. p. 59-74.
- VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. **O Limoeiro da Educação: história da criação da diocese e a ação educacional de Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte (1938-1968)**. 2006. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- VASCONCELOS, José Gerardo; MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano; FONTELES, José Mendes. (Orgs.). **Ditos e (mau)ditos**. Fortaleza: UFC, 2001.

Recebido em: 17.07.2017
Aprovado em: 30.03.2018

Antônio Roberto Xavier é Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará do Programa Nacional de Pós-doutorado (PNPD 2017-2018); Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Mestre em Planejamento e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Professor Adjunto lotado no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Professor Permanente do Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (MASTS) e do Curso de Graduação em Administração Pública presencial da UNILAB. Líder do Grupo de Pesquisa GPS (Gestão de Políticas Sociais) da UNILAB/ICSA/CNPq e Pesquisador integrante do Núcleo de História e Memória da Educação – NHI-ME da UFC/CNPq. E-mail: roberto@unilab.edu.br

Av. da Abolição, 3 – Centro, Redenção/CE, 62790-000
Telefone: (85) 997796956

José Gerardo Vasconcelos é professor Titular de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará. Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1993), Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1997), Pós-Doutorado em Artes Cênicas, pela Escola de Teatro, da Universidade Federal da Bahia (2002), Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2011- 2012), Pós-Doutorado em História da Educação pelo Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2015-2016). Líder do Grupo de Pesquisa de História e Memória da Educação do CNPq – NHIME. E-mail: gerardovasconcelos1964@gmail.com

UFC, Faculdade de Educação – Rua Waldery Uchôa, 1 – Benfica, Fortaleza/CE, 60020-110
Telefone: (85) 99758-5434

Lisimére Cordeiro do Vale Xavier é professora da rede pública municipal e estadual do Ceará. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisadora membro do Grupo de Pesquisa Gestão de Políticas Sociais (GPS), vinculada à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: lisirobert@yahoo.com.br

UFC, Faculdade de Educação – Rua Waldery Uchôa, 1 – Benfica, Fortaleza/CE, 60020-110
Telefone: (85) 99129-7834